

Se encontrar Luciana Panke por aí, lhe ofereça um chazinho

“Compartilhar multiplica”. “Liderança”, “Superação”. Estas palavras estão escritas à giz no quadro negro atrás de Luciana Panke, 48, quando damos início à nossa entrevista coletiva, na aula de Redação Jornalística II, por videochamada. De batom e unhas vermelhas, brincos, cabelos loiros e um sorriso recorrente no rosto, Luciana nos conta o que pode sobre sua vida antes das 12h30, horário do final da nossa aula e no qual ela nos informa que precisa sair para “exercer seu papel de mãe”.

Ser mãe é apenas uma das muitas atividades exercidas por Luciana. Com um doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Comunicação Política pela *Universidad Autónoma Metropolitana* do México, Panke foi eleita, em 2016, uma das 12 mulheres mais influentes da comunicação política pela *The Washington Academy of Political Arts & Sciences* nos Estados Unidos.

“Não imaginava que uma menina tímida como eu chegaria neste momento”, é o que Luciana diz em uma publicação no seu perfil do Instagram, na qual ela comemora a realização de seus sete livros publicados, em três países diferentes. Mas afinal, como esta menina tímida chegou até aqui?

Curitucha – de Passo Fundo a Curitiba

Nascida em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, mas criada em Curitiba e em Toledo durante a infância e a adolescência, Luciana era, de fato, uma menina tímida: ficava vermelha com facilidade e se escondia quando chegava gente em casa. Escrever sempre foi seu refúgio. Ela chegou até a ganhar um prêmio de melhor conto da cidade de Toledo quando era criança. A curitucha (mistura de curitibana com gaúcha), como Luciana se autodenomina, também era o braço direito de sua mãe e ajudava a cuidar de seu irmão mais novo.

Com a adolescência, vai perdendo a timidez. A pesquisadora nos conta que, com 15 anos, para fazer um trabalho da escola, pegou o carro do pai (Panke nos explica que, por ter morado em Toledo, aprendeu a dirigir mais cedo, prática comum naquela época, principalmente em cidades do interior) e foi visitar uma “zona” para conversar com as prostitutas. A situação, vista como cômica por Luciana atualmente, também mostra, de acordo com ela, o seu lado sociológico nascendo.

Luciana veio para Curitiba com 16 anos e fez a sua graduação em Comunicação Social (PUC-PR) e seu mestrado em Letras (UFPR) na capital paranaense. Após se separar do pai de sua filha de 3 anos na época, se mudou para Foz do Iguaçu. Durante este período, Panke viajava por 15 horas de ônibus para São Paulo, toda semana, para fazer seu doutorado na USP. Às vezes, quando a pesquisadora não tinha com quem deixar a filha, levava ela junto para São Paulo. Naquele momento, Panke ainda cuidava da comunicação de uma empresa, coordenava três cursos, dava aula e criava sua filha sozinha. “Foi um dos momentos mais desafiadores da minha vida”, conta a professora.

Compartilhar multiplica

Durante a infância de Luciana, sua família passou por dificuldades financeiras, mas sempre priorizou a educação. Sua mãe, professora e a primeira da família a fazer mestrado, mostrou à filha as dificuldades da vida de docente. “Eu falava que eu não queria aquilo para mim. Porque eu via o quanto machucava a minha mãe. [...] Muito trabalho, pouca grana e pouco reconhecimento”, diz Panke. Hoje, Luciana é docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no curso de graduação de Publicidade e Propaganda e no programa de pós-graduação em Comunicação. Além disso, é líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Eleitoral (CEL) da universidade. Não contente, a menina tímida que não queria ser professora ainda publica vídeos no seu perfil do Instagram compartilhando conhecimentos sobre comunicação política e assina com: “Conhecimento compartilhado sempre multiplica. Espero que as dicas sejam úteis! Um beijo da profª Lu Panke ☺”.

“A docência foi vindo”, conta Luciana. A professora afirma que hoje se sente muitíssimo realizada. “Não abriria mão disso, eu amo isso”, diz ela sobre ser docente. Não é por acaso que a frase escrita no quadro da pesquisadora, “Compartilhar multiplica”, diz respeito a uma das filosofias de vida da profissional.

De menina tímida a guerreira criativa

Em sua vida acadêmica, quando começou a pesquisar sobre a comunicação política, Luciana passou a perceber a problemática de gênero existente nesta área, característica que passou a marcar o seu trabalho desde então. Em nossa videochamada,

vemos mais uma frase escrita no quadro atrás da pesquisadora: “Quanto mais mulheres protagonistas, mais mulheres eleitas”. Não é por acaso que Panke se tornou referência no debate sobre mulheres na comunicação política. Ela não apenas é uma mulher que pesquisa sobre a área, mas também procura trazer mais mulheres para o mundo da política.

Luciana nos conta que mulheres de partidos distintos entram em contato com ela. “Eu não desisti da política por sua causa”, disse uma mensagem enviada a ela por uma pré-candidata do Amapá. Panke acredita nisso – em “carregar as pessoas junto”. É a função da “guerreira criativa”, definição arquetípica da persona de Luciana feita pelo seu grupo de pesquisa. De acordo com a pesquisadora, a guerreira criativa, além de ser líder e representante, também carrega as pessoas junto com ela, não se isola em uma torre, numa superioridade. “E, realmente, eu me vejo assim. Porque eu sei o que eu represento, eu sei os países que eu já estive, [...] eu sei que eu sou chamada pelo TSE, pela Câmara dos Deputados do Brasil e de fora, [...] mas eu não me coloco num patamar diferenciado por isso. Eu quero que as pessoas estejam onde eu estou”, diz Panke.

Um girassol da cor de seu cabelo

Além de ser guerreira como profissional, Luciana demonstra força também em sua vida pessoal. “Mãe solo”, como ela diz, criou sozinha sua filha, que irá se formar em Medicina neste ano, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), mesma instituição que fez parte da graduação da mãe e da avó. Mãe e filha compartilham uma pequena tatuagem de girassol em seus braços. A flor é simbólica para as duas por estar sempre voltada para a luz do sol. Luciana conta como sempre tentou ensinar sua filha a ver as situações desafiadoras como uma aprendizagem e a enxergar o lado positivo das coisas. “O girassol representa a beleza, a felicidade, a leveza, a força, que é algo que eu descobri em mim [...] e que eu vejo que ela tem”.

Se encontrar Luciana Panke por aí, lhe ofereça um chazinho

Luciana conta que a pandemia afetou muito sua vida pessoal e profissional. A pesquisadora ficou muito abalada no início da quarentena e chegou a ter momentos de depressão por sentir falta da “troca” com as pessoas, além de ter se deparado com uma

sobrecarga de trabalho muito grande, o que gerou bastante estresse. “Parece que houve uma necessidade de se provar que se estava trabalhando”, reflete Panke. A profissional passou a receber mensagens o dia todo e era convidada para participar de eventos online toda semana, atividade que, segundo a pesquisadora, “as pessoas colocaram de uma forma desqualificante, chamando de ‘live’ ”. Luciana lembra que seu trabalho é internacional e que ela já viajava uma vez por mês antes da pandemia. Porém, a pressão para mostrar que, como professora, permanecia trabalhando durante a quarentena, foi uma dificuldade. Em uma publicação no seu perfil do Instagram, a docente compartilhou que, em determinado dia, havia passado a manhã palestrando na Espanha sobre políticas públicas e a tarde gravando para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na disciplina “Análise de Conteúdo e do Discurso nas Mídias”. Outras publicações mostram Panke participando de diversos eventos online internacionais.

Em sua vida pessoal, Luciana diz que tirou bom proveito desse momento ímpar: “Precisei me voltar mais para mim mesma. Então foi um processo de crescimento pessoal muito grande”. Porém, a pesquisadora conta que, antes de perceber que poderia tirar aprendizados da quarentena, ela passou por “momentos de baixa” e sentiu que não podia expressar seu medo, uma vez que outras pessoas estavam dependendo de sua força. “Quando você encontrar uma mulher forte, ofereça um chazinho. Porque muitas vezes, nós estamos segurando ondas que ninguém tem noção”.

Sonhos

Panke tinha o sonho de estudar na Universidade Federal do Paraná. Como vestibulanda, não passou e acabou fazendo sua graduação na PUC-PR, instituição que ela reconhece como importante na sua história. Ainda assim, mais tarde, Luciana chegou à federal e “pela porta da frente”, lembra ela. Afinal, a pesquisadora fez mestrado e virou docente na universidade. “A minha realidade superou o sonho”, diz.

Hoje, quando questionada sobre quais são seus sonhos para o futuro, a professora nos conta: escrever e viajar. “Eu sou uma mochileira, uma viajante. Ainda tenho vários países para conhecer”. Panke gostaria de conhecer a Oceania e a Ásia. “Eu amo sair da bolha e conhecer outras culturas”, revela ela. Escrever mais livros também é um de seus sonhos. Ela planeja publicar, ainda este ano, um livro escrito em castelhano (ainda a ser traduzido para o português), chamado *El Protagonismo Feminino*.

Mesmo tímida, nasceu celebrando

Pergunto a Luciana como aquela menina tímida chegou até aqui. Ela traz de volta a ideia do girassol. Conta que os desafios da vida lhe trouxeram muitas pessoas e coisas legais. Ela chegou aqui aproveitando as oportunidades, superando os desafios sem medo, tendo bons relacionamentos, se desviando de pessoas que não queriam seu bem, selecionando bem suas relações pessoais, se amando e reconhecendo suas vitórias. “Nasci celebrando, mesmo tímida”, diz ela, relatando que tem o costume de “celebrar tudo”, pequenas e grandes conquistas. Até isso Luciana conseguiu ensinar e compartilhar com as pessoas. Ela nos conta sobre um amigo e orientando seu que comentou com ela recentemente: “Você me ensinou a celebrar”.

Juliana Sehn